

EDUCAÇÃO EM VALORES ATRAVÉS DO ESPORTE: UMA ANÁLISE QUALITATIVA DAS POSSIBILIDADES DE UMA EDUCAÇÃO OLÍMPICA COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Donaldson Rodrigues Thompson¹
Eduardo Viganor Silva²

RESUMO

A mudança de valores sociais e sua pluralidade indicam um novo cenário educacional. A compreensão deste contexto aponta para a necessidade de uma educação em valores. Porém, sua sistematização parece ser pouco desenvolvida. O objetivo deste trabalho foi acompanhar a apropriação e a avaliação de um material didático para a educação em valores tendo como referência a educação olímpica por três professores de educação física atuantes na educação básica. A metodologia utilizada é de natureza qualitativa. Os resultados indicam que o material é claro, conciso e suficiente, mas é deficiente na indicação da seriação e apresenta limites de aplicação nas séries iniciais. Conclui-se que a iniciativa é válida, porém ainda é necessário desenvolver indicadores de aplicação, assim como avaliar o cotidiano de suas formas de apropriação.

Palavras-chave: Esporte. Valores. Educação Olímpica.

ABSTRACT

Changing social values and their plurality suggest a new educational setting. To understanding this context is necessary an education in values. However, the systematization seems to be less developed. The objective of this study was to monitor the ownership and assessment materials for an education in values with reference to Olympic education for three physical education teachers working in basic education. The methodology used is from the qualitative nature. The results indicate that the material is clear, concise and sufficient, but is deficient in the indication for ordering and application limits in the early grades. It is concluded that

¹ Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professor e coordenador do curso de Educação Física da Faculdade Capixaba da Serra - MULTIVIX Serra. Membro do grupo de pesquisa em Estudos Olímpicos ARETE (UFES).

² Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professor efetivo de Educação Física da rede municipal de ensino de Serra/ES. Membro do grupo de pesquisa em Estudos Olímpicos ARETE (UFES).

the initiative is valid, but it's necessary to develop indicators of application as well as evaluate their everyday forms of appropriation.

Keywords: Sport. Values. Olympic Education.

1 INTRODUÇÃO

Estamos diante de uma sociedade marcada pelo efêmero e transitório, caracterizada pela ausência de orientações e ideologias sólidas que acabam por desencadear em uma realidade de relativismo axiológico e insegurança, em um quadro considerado por alguns estudiosos como de crise social (GERVILLA *apud* QUEIRÓS, 2004). Este contexto de diversidade de referências sociais e culturais acaba por influenciar também numa pluralidade e alargamento do leque de valores, criando uma sociedade com tantos valores que se torna difícil diferenciar o valor do antivalor (GERVILLA *apud* QUEIRÓS, 2004).

Com isso, a deterioração de alguns valores antes vistos como nobres e necessários para um bom convívio social ocorre de maneira simultânea a uma supervalorização de outros valores até então marginalizados pelos indivíduos, alterando as relações sociais. Neste sentido, em uma sociedade cada vez mais competitiva, individualista e utilitarista, valores humanos de cooperação, união e irmandade perdem sentido e soam estranhos nas diversas relações sociais (TODT, 2009).

Diante desse contexto estabelecido de valores sociais em crise³, consequência de um relativismo axiológico em que vivemos, torna-se necessário traçar orientações que sirvam para crianças e jovens. Assim, algumas iniciativas ganham destaque como prováveis saídas para tal situação, sendo a educação umas dessas alternativas (SANMARTIN, 1995). Cabe aqui ressaltar que não estamos nos referindo simplesmente a uma educação que se limita a transmitir um ou outro

³ Trabalhar com o conceito de valores sociais em crise parece ser mais provável do que afirmar a existência de um quadro de crise de valores sociais, pois como sustenta Queirós (2004) não estamos diante de uma realidade de inexistência de valores sociais, mas sim de uma pluralidade e de uma polissemia desses valores sociais que acaba por conduzir a situações de insegurança, principalmente entre aqueles que necessitam, segundo a autora “de uma bússola axiológica, como é o caso dos jovens”.

conhecimento – essa sim também tem sua importância – mas a uma educação que caminhe para mais além, uma educação em valores, que se preocupe, segundo Sanmartin (1995, p. 17):

[...] em formar o caráter, no seu sentido mais extenso do termo, formar o caráter para que se cumpra um processo de socialização imprescindível, e formá-lo para promover um mundo mais civilizado, crítico aos defeitos do presente e comprometido com o processo moral das estruturas e atitudes sociais.

Para que essa educação se concretize no âmbito escolar, é imprescindível o desenvolvimento de propostas que busquem a operacionalização, seja de forma interdisciplinar ou não, de uma educação em valores pelos diferentes campos disciplinares da escola.

Dessa forma, a Educação Física, como disciplina curricular obrigatória da educação básica, também passa a ser responsável por essa educação em valores, devendo mobilizar para isso os conteúdos os quais abarca. Contudo, apesar do reconhecimento dessa necessidade, mapeamentos dos principais periódicos⁴ da Educação Física brasileira mostram que são poucos os estudos que avançam no sentido de apresentar propostas práticas de caráter didático-metodológico para a promoção de uma educação em valores nas aulas de Educação Física, fato este que confirma uma análise que aponta a dificuldade na Educação Física brasileira em avançar metodologicamente além da dimensão procedimental (DARIDO, 2003).

Além disso, tomando as obras de Oliveira e Perim (2008) e Oliveira e Perim (2009) como referências centrais contemporâneas para a educação em valores na Educação Física brasileira, uma análise inicial indica a baixa sistematização da problematização e da reflexão para um ensino em valores, além do seu caráter

⁴ Os mapeamentos foram realizados sem compromisso de restrição temporal na Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Revista Pensar a Prática, Revista Motriz, Revista Movimento e a Revista da Educação Física/UEM. Os termos de busca foram: esporte e valores, valores do esporte, valores no esporte, valores educacionais e educação em valores.

incidental e exortativo⁵, não sendo possível encontrar nenhuma orientação conceitual ou metodológica para a sistematização do ensino na dimensão atitudinal. Embora se enfatize a importância de um ambiente coerente aos valores que se pretende promover ou ensinar, ainda que isto seja indubitavelmente importante, não é o mais eficiente.

O objetivo do presente trabalho é descrever e analisar as impressões referentes a um material didático nesta temática por um conjunto de professores de Educação Física, considerando usos, alterações, acréscimos, funcionamentos e recusas. Para isso foram consideradas as avaliações do material feitas pelos professores colaboradores, que utilizaram um instrumento avaliativo com critérios pré-definidos fornecidos pelos pesquisadores. Quando possível, a avaliação baseou-se na aplicação das atividades presentes no material.

2 VALORES PESSOAIS E SOCIAIS E SEUS PROCESSOS DE TRANSMISSÃO

Os estudos relacionados aos valores morais e seus processos de transmissão indicam que valores não existem por si só como objetos materiais de estudo. Eles dependem da relação com alguém que o valoriza, tornando difícil limitar-se a uma única teoria que o defina (SANMARTIN, 1995).

De qualquer maneira, para fins de delimitação, consideramos valores como “uma crença coletiva consensual de duração estável que influencia sentido e significado das relações sociais e culturais” (DACOSTA 2007, p. 13) ou ainda como “uma crença duradoura onde um modo de conduta ou um estado último de existência, é pessoal e socialmente preferível a um oposto modo de conduta ou estado final de existência” (ROKEACH *apud* SANMARTIN 1995, p. 25). Os valores são adquiridos pelos processos de socialização e de transmissão entre os seres humanos (ROKEACH *apud* SANMARTIN 1995). As etapas de formação de valores passam

⁵ A maioria das orientações encaminhadas aos professores sugere que os mesmos aproveitem de acontecimentos eventuais que possam ocorrer durante as aulas, numa espécie de conclamação e encorajamento verbal, para assim intervirem na busca por uma educação em valores.

por um processo de desenvolvimento moral ou de desenvolvimento de uma consciência moral.

Se valores são crenças ou preferências duradouras que interferem no comportamento e nas ações pessoais ou coletivas dos indivíduos, pode-se, de maneira simplificada, categorizar os valores em econômicos, religiosos, estéticos ou ainda sociais, também denominados valores éticos ou morais. Nos atentaremos para este último, que são os valores que se “ocupam com o comportamento humano, da reflexão sobre os valores da vida, da virtude e do vício, do direito e do dever, do bem e do mal” (DaCOSTA 2007, p. 46).

A teoria da aprendizagem social juntamente com a teoria cognitivista, ou abordagem construtivista, são os principais enfoques teóricos que procuram dar conta tanto da análise quanto da promoção e desenvolvimento de valores pessoais e sociais dos indivíduos (SANMARTIN, 1995). No plano esportivo, as situações concretas do jogo permitem que seus praticantes reflitam sobre comportamentos e valores através de um raciocínio próprio, que levará a escolhas particulares, criando com o tempo concepções pessoais de moral. Não há, como na teoria da aprendizagem social, uma internalização progressiva e muitas vezes passiva de valores já existentes. Na teoria cognitivista a reflexão e as escolhas fazem parte da formação do conjunto de valores de um indivíduo⁶.

O que as diferencia é que na teoria construtivista, ao contrário da abordagem da aprendizagem social, em que se internalizam valores, os indivíduos criam concepções próprias de moral a respeito do seu contexto social e pela interação com os demais indivíduos (DaCOSTA, 2007). Ou seja, existe uma maior criticidade por parte da teoria cognitivista, principalmente a partir dos enfoques teóricos dados por Kohlberg em relação ao desenvolvimento de valores morais, proporcionando a ideia “de que agir moralmente é um ato de responsabilidade que envolve escolha” (GOMES; TURINI *apud* DaCOSTA 2007 p. 55).

⁶ No que diz respeito à teoria da aprendizagem social e à cognitivista, nota-se que tanto em uma quanto em outra, o plano de fundo para o desenvolvimento da consciência moral passa pelos processos de socialização entre os indivíduos. Além do mais, as duas teorias possuem estruturas próprias que ao final acabam se complementando ao abrangerem os processos de transmissão e internalização de valores, não sendo, portanto mutuamente excludentes (VIEIRA *apud* DaCOSTA 2007).

3 ESPORTE E VALORES

A ideia difundida de que as atividades físicas e o esporte sejam ferramentas potencialmente educativas, capazes de suscitar em seus praticantes os valores sociais e pessoais mais desejáveis pela sociedade não é um fato recentemente identificado. Desde as primeiras atividades atléticas gregas até o esporte moderno, as práticas físicas são vistas como ferramentas educativas importantes para a disseminação de valores sociais. Principalmente no final do século XIX e início do século XX, o esporte passou a estar atrelado a outras expressões como valor, princípios ou ideais⁷.

Dentro dessa perspectiva de esportes e valores, há de se considerar dois movimentos existentes: os valores “do” esporte e os valores “no” esporte. Os valores “do” esporte são aqueles valores sociais antes existentes que, incorporados pelas práticas esportivas, mantêm uma relação inerente com as mesmas⁸. Já o termo valores “no” esporte remete a comportamentos sociais do dia-a-dia, mas que acabam se refletindo também nas práticas esportivas. Independentemente de valores “do” ou “no” esporte, o que se percebe é a condição atribuída ao esporte como portador de valores sociais (DaCOSTA, 2007).

Neste sentido, muitos autores têm se preocupado em investigar quais são os principais valores que as pessoas atribuem as atividades físico-desportivas, os processos de transmissão e internalização desses valores sociais através do esporte e as motivações e atitudes manifestadas pelos indivíduos que aderem a essas

⁷ Entre os gregos, as atividades físicas atingiam dois eixos da sociedade: o importante papel que tinham no sistema educativo e o lugar que ocupavam nas festividades religiosas. Entre as duas funções, destaca-se a primeira pela crença nas atividades atléticas como forma de moldar tanto o corpo como o caráter, sendo as práticas corporais para os helenos uma obrigação moral e espiritual, contribuindo para a educação dos jovens. Como bem ressalta DaCosta: “Os helenos incentivavam, com grande ênfase, a aquisição do valor da transparência moral e do vigor físico, privilegiavam as atividades atléticas como meio de educação, embora não usassem a expressão “valor”, mas apenas julgamentos valorizativos. Ou seja, para os helenos o significado de “valor” não consistia em um termo sistematizado de conceitos e significados como é hoje, mas assumia um sentido de julgamento de comportamento expresso pelo termo “virtude” - comportamento bom, correto, honesto” (2007, p. 13).

⁸ Exemplo disso é o fair play (jogo limpo), expressão intimamente associada às práticas esportivas que remete a existência de certa ética entre aqueles que praticam esporte. O fair play, hoje atrelado às atividades esportivas, nada mais é que a incorporação pelo esporte do valor social ligado ao comportamento cavalheiresco e a recusa a vantagens injustificáveis.

práticas esportivas. Quando se trata de esporte, muitos podem ser os motivos – sejam eles pessoais ou coletivos - que levam uma pessoa a aderir a uma determinada prática esportiva.

Essas atribuições ao esporte servem para elucidar as expectativas e alguns dos valores que emergem entre as pessoas quanto às atividades esportivas, mostrando que existe um conjunto de valores tradicionais, que justificam as práticas esportivas e a sua utilização como ferramenta educacional⁹.

Esporte por si só não é educativo, e quando passa pelas transformações e tratamentos necessários para que se torne educativo, pode ainda educar para o bem ou para o mal. Portanto, o caráter educativo ou não do esporte dependerá da maneira com que ele será utilizado e interpretado pelos treinadores, professores, pais, amigos, mídia, entre tantos outros agentes influenciadores.

No caso mais específico da escola, o desenvolvimento de um esporte pedagógico em aulas de Educação Física, tendo como objetivo uma educação em valores voltada para o contexto sociocultural, mostra-se totalmente pertinente, uma vez que as instituições escolares têm como plano de fundo um contexto educacional amplo, e não somente ligadas às qualidades atléticas.

4 EDUCAÇÃO OLÍMPICA: O ESPORTE E O SEU POTENCIAL EDUCATIVO

Embora exista uma série de motivações e valores associados ao esporte - a maioria deles já elucidadas pelos estudos mencionados anteriormente - nota-se uma significativa convergência e aproximação entre esses valores, mostrando que existe

⁹ Quanto às possibilidades educativas do esporte, concordamos com alguns autores que defendem essa potencialidade das práticas esportivas (MARAJ; MCINTOSH; BANKS; ARNOLD apud SANMARTIN, 1995), porém fazemos aqui duas ressalvas: não estamos defendendo o esporte como único conteúdo da Educação Física escolar capaz de desenvolver uma educação em valores. Outros conteúdos podem ser utilizados partindo do mesmo propósito. Neste estudo especificamente, ao tratarmos de uma proposta de Educação Olímpica, abordaremos a prática esportiva como forma de educação em valores socialmente compartilhados. A outra ressalva diz respeito à não compartilharmos aqui das percepções do senso comum em relação ao esporte e a geração de valores sociais, de que o mesmo seja naturalmente educativo e que a sua prática por si só seja capaz de despertar em seus adeptos os mais nobres dos valores éticos. O esporte pode sim ser uma ferramenta educacional, desde que para isso passe por um tratamento pedagógico planejado e específico.

um eixo de valores centrais que norteiam as práticas esportivas e dão significados a elas. Essa maneira como praticamos esportes nos últimos 100 anos e os valores que atribuímos à prática esportiva têm relação direta com o desenvolvimento do Movimento Olímpico e a sua ideologia.

Embora o Movimento Olímpico não seja sua única influência, as formas tradicionais do esporte moderno e, principalmente, a crença que o esporte educa, aproxima os povos, iguala as pessoas, ensina a ganhar e a perder, entre outras, foram modeladas e universalizadas com o importante auxílio deste Movimento e seu criador, o Barão Pierre de Coubertin¹⁰.

Para Coubertin o esporte poderia ser uma ferramenta de educação e transformação individual e social apenas se praticado segundo um conjunto de valores orientadores e uma ética própria. Estes valores e essa ética são genericamente chamados de “valores Olímpicos” ou “valores do Olimpismo”.

Segundo Tavares (2009) podemos considerar a EO como as propostas pedagógicas de educação através do esporte tendo como fundamentação o Movimento Olímpico e seus símbolos, tradições, princípios e valores. Apesar da prática esportiva ser o eixo integrador de uma proposta de EO, é necessário sempre se posicionar criticamente em relação ao esporte, compreendendo suas possibilidades e limites, pontos positivos e negativos¹¹.

É nesta perspectiva que se procurou desenvolver o material apresentado para os professores, com sugestões de atividades, práticas e teóricas, pautadas no esporte visando uma educação em valores através de uma educação olímpica, ou seja,

¹⁰ Barão de Coubertin foi o restaurador dos Jogos Olímpicos na modernidade. Nascido na capital francesa em uma família aristocrática, estudou arte, filosofia e direito, mas veio a interessar-se especialmente pela educação. Tornando-se mais tarde pedagogo e historiador, decidiu sair pela Europa para entender o fenômeno esportivo e sua estrutura. Influenciado principalmente pelas escolas inglesas, inspirou-se para melhorar o sistema educacional Francês, e mais tarde debruçou esta ideia em caráter internacional no Movimento Olímpico.

¹¹ Ainda assim, desenvolvimento de uma proposta de EO segue alguns pressupostos fundamentais, entre eles a ideia de que o aprendizado em valores é essencialmente baseado na discussão, no exemplo e na experiência concreta, podendo acontecer por diferentes processos individuais ou coletivos. Além disso, a EO deve ter um caráter multidisciplinar e flexível, podendo envolver toda a escola atingindo de maneira transversal, sempre que possível, as diferentes disciplinas presentes no ambiente escolar, além de ir ao encontro das necessidades dos professores e da instituição (TAVARES, ABREU, 2011).

pautados nos ideais do Olimpismo. As sugestões dão conta da possibilidade de utilização do material de forma isolada para a Educação Física ou interdisciplinar, no desenvolvimento de temas transversais propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), na organização de uma Semana Olímpica, em atividades complementares de formação atlética não-escolar ou ainda como um tópico especial na formação superior.

5 METODOLOGIA

A ideia inicial era desenvolver o trabalho através de uma investigação de natureza qualitativa, de tipo fenomenológica, analisando as interpretações pessoais e subjetivas dos professores em seu cotidiano (BODGAN; BIKLEN, 1994). Para isso utilizaríamos como instrumento de análise entrevistas semi-estruturadas.

A princípio contávamos com cinco professores de Educação Física atuando na educação básica, voluntários neste projeto, com o objetivo de analisar os modos como os mesmos se apropriavam do Manual em sua prática cotidiana, identificando limites, possibilidades, alterações, modificações, rejeições e críticas ao material desenvolvido.

A primeira etapa da pesquisa foi a realização de uma entrevista objetivando conhecer um pouco mais desses docentes na busca por uma primeira aproximação com os mesmos. Posteriormente, o Manual de Educação Olímpica foi entregue aos professores e dois encontros com cada um deles foi realizado para sanar as principais dúvidas sobre o Manual e os processos da pesquisa. De posse desse material, ficou acordado encontros a cada três semanas com cada um desses cinco professores durante pouco mais de dois meses. O objetivo desses encontros era coletar, através de entrevistas semi-estruturadas, dados relativos a comentários, críticas e sugestões sobre as possíveis atividades presentes no Manual aplicadas nas aulas e identificar a maneira pela qual esses professores estavam se apropriando do material fornecido.

Porém, por motivos alheios à pesquisa¹², apenas três professores permaneceram como os principais colaboradores do estudo. Esses ainda enfrentaram dificuldades em aplicarem as atividades presentes no Manual de Educação Olímpica, e por isso a estratégia de investigação foi repensada. Com isso, formulamos um instrumento de avaliação¹³ sobre o Manual de Educação Olímpica com o objetivo de recolher as principais impressões dos professores sobre o material fornecido, considerando usos, alterações, acréscimos, funcionamentos e recusas. Quando possível, as avaliações eram pautadas na aplicação de certas atividades presentes no material por parte dos professores.

Os docentes participantes desta pesquisa serão aqui chamados de professores 1, 2 e 3. O professor 1 é graduado em Educação Física desde 2001, possui especialização e atualmente cursa o mestrado. Já o professor 2 caracteriza-se por ser graduado em licenciatura plena em Educação Física desde 2005 e em Pedagogia. Também possui título de mestre e atualmente cursa o doutorado em Educação. De forma semelhante o professor 3 é formado em licenciatura plena em Educação Física desde 2002, possui duas especializações e o título de mestre.

6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

No que diz respeito ao critério **organização** e **método** utilizados no Manual de Educação Olímpica distribuído aos professores, percebeu-se que os três docentes

¹² Durante o estudo, um professor colaborador abandonou a docência e outro não enviou em tempo hábil para análise as considerações referentes ao material. Os três professores que permaneceram na pesquisa enfrentaram ainda problemas para a aplicação do Manual, problemas estes relacionados com greves das instituições ou pela dificuldade em encaixar as atividades dentro dos seus planejamentos já elaborados.

¹³ Os apontamentos críticos feitos pelos professores sobre as atividades presentes no Manual foram baseados em critérios pré-estabelecidos presentes no instrumento avaliativo. Esses critérios estavam divididos em **organização** e **método** do material (quanto à coerência e a funcionalidade, a metodologia, a estimulação da autonomia, a criatividade e a participação dos alunos, a motivação para o saber e para a busca de outras fontes de conhecimento, assim como a utilização de recursos pedagógicos diversificados e o desenvolvimento de projetos interdisciplinares), **informação** (clareza dos objetivos, pertinência das informações quanto à atualização e a relevância das mesmas, adequação às orientações curriculares e a possível existência de discriminações quaisquer pelas atividades) e **comunicação** (organização e confecção gráfica, clareza, concisão e adequação dos textos das atividades). Ao final, pedia-se que o professor indicasse para qual faixa etária ou nível de escolarização as atividades eram adequadas.

envolvidos na avaliação do material convergiram na maioria das respostas referentes as oito perguntas avaliativas que norteavam os possíveis apontamentos a serem realizados.

Desta maneira, o material foi julgado por apresentar uma organização coerente e funcional satisfatória do conteúdo, além de uma metodologia facilitadora e enriquecedora para a aprendizagem dos alunos.

Quando o foco da análise foi voltado para o potencial do manual em estimular a autonomia, a criatividade e a participação dos alunos, os professores avaliaram que as atividades favorecem estes três parâmetros. Nesse sentido, o professor 1 enfatizou as atividades que contavam com perguntas abertas aos alunos como aquelas que poderiam gerar uma maior possibilidade criativa por parte dos discentes e assim levar a autonomia na medida que os mesmos pudessem sugerir outras atividades mediante a temática envolvida. O professor 3, por sua vez, enfatizou as atividades práticas como aquelas com maior capacidade de levar a uma participação efetiva dos alunos, por isso apontou algumas vezes na possibilidade das atividades que só abrangiam a leitura e o debate serem seguidas de vivências práticas que oportunizassem a reflexão após a atividade corporal. Sugestão semelhante foi apontada pelo professor 2 em um outro tópico, onde o docente apontava para a necessidade de mais atividades práticas sem desconsiderar aquelas que traziam como metodologia a leitura e o debate.

Quanto as possibilidades de uso de recursos pedagógicos diversificados para o desenvolvimento das atividades propostas pelo manual, todos os professores foram enfáticos em responder que as atividades facilitam o uso de recursos pedagógicos e estratégicos variados – respeitando a realidade de cada instituição escolar - contribuindo assim para o enriquecimento das aulas. A principal observação foi realizada pelo professor 3, que apontou para a possibilidade do material sugerir junto com cada tema opções de recursos áudios-visuais.

Ao avaliarem a pertinência das atividades contidas no material para o desenvolvimento de projetos interdisciplinares dentro das escolas, os três docentes convergiram positivamente sobre a potencialidade do manual em possibilitar atividades iniciais conjuntas entre as diferentes disciplinas pedagógicas.

Neste primeiro critério avaliativo, algumas observações feitas pelos docentes devem ser consideradas. A primeira delas apontada diretamente em mais de uma resposta apresentada pelo professor 2 e de forma indireta no discurso dos professores 1 e 3 reconhecem que a organização, o método empregado e até mesmo o conteúdo das atividades presentes no Manual de Educação Olímpica facilitam a aprendizagem dos alunos frente aos objetivos propostos, porém não descartam a necessidade do professor em adequar as atividades de acordo com a realidade dos seus alunos. Tal constatação assemelha-se com um dos pontos presentes em uma avaliação realizada com seis professores atuantes em escolas localizadas no estado do Rio de Janeiro entre 1999 e 2000 referente à aplicação das atividades de um material didático de referência mundial em Educação Olímpica¹⁴, onde também foram apontados pelos professores “[...] a necessidade de adaptação das atividades, nomes e histórias às realidades dos alunos e aos sentidos e significado a elas atribuídos” (GOMES, 2009, p. 182).

Tais apontamentos acabam indo ao encontro daquilo que preconiza a Educação Olímpica, de que os professores ao implementarem um programa pautado nessa educação, reflitam também sobre seus próprios valores, assim como aqueles existentes na comunidade escolar.

Outra consideração feita especificamente pelo professor 3 refere-se a necessidade do manual apresentar juntamente com cada atividade sugestões de discussões que extrapolem o contexto esportivo e abarquem outras esferas constituintes da sociedade. Tal consideração pode ser levada em conta, mas há de se pensar que cada instituição está inserida em um contexto próprio onde, portanto, uma discussão relevante em uma instituição escolar que extrapole o contexto esportivo pode não ser tão significativa para outra escola. Talvez caiba ao professor o exercício de diagnosticar entre as atividades do material aquelas que permitem parâmetros que superem o contexto esportivo e possibilitem discussões relevantes para cada contexto social.

¹⁴ O material didático citado é o *Be a Champion in Life*, desenvolvido por Deanna Binder em 2000 através da Foundation of Olympic and Sport Education (FOSE), uma entidade grega não governamental que busca difundir os valores pregados pelo Olimpismo. Tanto a entidade como o material mencionado são referências para o desenvolvimento de propostas baseadas num programa de Educação Olímpica, ajudando os jovens a desenvolverem o gosto pela atividade esportiva e na transmissão de valores morais e sociais (GOMES, 2009).

Por fim, outros apontamentos também realizados pelo professor 3 mostravam a dificuldade do mesmo em avançar metodologicamente na dimensão atitudinal em suas aulas, ficando muitas vezes o conteúdo refém de objetivos procedimentais, fato já apontado inicialmente pelos estudos de Darido (2003) ao mostrar que essa é uma realidade da Educação Física brasileira. Segundo resposta apresentada pelo professor participante da avaliação, a maior contribuição do Manual de Educação Olímpica foi na contribuição deste para o enriquecimento de sua prática pedagógica para além da questão procedimental, o que pode apontar para a potencialidade do material em alcançar um de seus objetivos, o desenvolvimento de uma educação em valores.

Diferente das análises do primeiro critério de avaliação proposto aos professores, o segundo critério que contava com sete perguntas que giravam em torno do tema **informação** presente no Manual apresentou mais divergências de apontamentos referentes às perguntas quando comparado ao primeiro tópico de análise. Quanto à clareza dos objetivos gerais e específicos do material, os três professores convergiram ao avaliar positivamente as informações contidas no manual referente à especificação desses objetivos.

Um dado exposto pelo professor 2 e que chamou a atenção foi que o mesmo, apesar de reconhecer a importância do Manual voltado para uma Educação Olímpica, não desconsiderou a pertinência de se estabelecer críticas as Olimpíadas. Realmente uma proposta de Educação Olímpica deve posicionar-se criticamente em relação ao esporte, compreendendo suas possibilidades e limites, pontos positivos e negativos. O que não se pode perder de vista são as diferenças conceituais entre Movimento Olímpico, Olimpismo, Educação Olímpica e Jogos Olímpicos. Estudos mostram que muitos são os expectadores dos Jogos Olímpicos, mas poucos conhecem sobre o Olimpismo e o Movimento Olímpico (GOMES, 2009). Tal fato pode estar associado a recente circulação e difusão das ideias de Educação Olímpica no Brasil e a ausência nos cursos superiores de formação de professores de conteúdos que abordem essa temática, gerando assim uma confusão ou desconhecimento no conceito dos termos.

Já o professor 3 deu maior ênfase na transversalidade existente nos temas e atividades do manual, muitos deles, segundo o professor, atendendo aquilo que se

pede nos PCN's no que diz respeito a Saúde, Ética, Pluralidade cultural e Meio ambiente. O referido professor apontou para a necessidade de acrescentar ao manual dois temas citados pelos PCN's, entre eles Orientação Sexual voltado para a reflexão sobre as noções, imagens, conceitos e valores a respeito do corpo e Trabalho e Consumo, onde poderiam ser enfatizadas discussões sobre a relação de consumo que os atletas e alunos estabelecem com o esporte e a profissionalização esportiva. Ainda assim, as informações presentes no Manual de Educação Olímpica oferecem, segundo o professor 3, informações corretas, atualizadas e relevantes aos alunos.

O terceiro e último critério tinha por base avaliar o Manual de Educação Olímpica no que diz respeito à **comunicação** do material, contando para isso com cinco perguntas que norteavam a avaliação dos docentes frente a esse item avaliativo.

Todos os três professores apontaram como boas, facilitadoras ou satisfatórias a confecção e a organização gráfica do material, a concisão e a clareza dos textos, e a pertinência das diferentes ilustrações quando relacionadas com os seus respectivos textos. Sugestões feitas pelos três professores apontavam para a possibilidade de inserção de mais ilustrações dentro dos textos referentes às atividades, além da indicação do professor 3 da necessidade de um sumário que pudesse facilitar a identificação dos conteúdos dentro do manual.

O outro apontamento feito nesse item de avaliação, principalmente levantando pelos professores 2 e 3, mostra a pouca familiaridade dos docentes com a Educação Olímpica, fato que já havia aparecido em outro item de análise, mas de maneira indireta. Agora os professores demonstram diretamente a necessidade de um maior conhecimento sobre o tema em questão. Como já mencionado, ainda que a idéia de uma Educação Olímpica não seja algo novo, recente é a sua sistematização, principalmente no Brasil. Duas soluções aí poderiam ser pensadas: ou uma introdução um pouco mais detalhada presente no Manual de Educação Olímpica, ou uma maior sugestão bibliográfica de textos de apoio para os professores e alunos, principalmente aqueles que tratam dos conceitos relativos a Jogos Olímpicos, Olimpismo, Movimento Olímpico e Educação Olímpica, termos ainda desconhecidos por muitos (GOMES, 2009).

Por fim, uma pergunta direta pedia para que os professores indicassem para qual faixa etária ou nível de ensino as atividades do manual eram indicadas. Comparando as respostas dos professores, de uma maneira geral as principais restrições para a aplicabilidade do material ficaram por conta da Educação Infantil e das séries iniciais do ensino fundamental, principalmente pelas atividades de leitura e debate. Tal verificação assemelha-se com as verificações apontadas durante a avaliação do *Be a Champion in life* entre 1999 e 2000, de onde também foram retiradas algumas das atividades apresentadas no Manual de Educação Olímpica. Também na referida avaliação, algumas propostas de atividades geraram grande dificuldade de serem apreendidas pelos alunos do primeiro segmento do ensino fundamental (GOMES, 2009).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados obtidos na pesquisa apontam para uma avaliação satisfatória do Manual de Educação Olímpica quanto a sua estruturação, organização e comunicação, com textos coesos e claros. As análises dos professores indicam ainda que as atividades presentes no material proporcionam a autonomia, a criatividade e a participação dos alunos, com objetivos gerais e específicos bem definidos. Ainda assim, alguns pequenos ajustes devem ser pensados quanto à estruturação do material, como a questão de mais ilustrações, sumário para facilitar a localização dos conteúdos, entre outras adequações. A principal sugestão fica por conta de maiores informações que possam melhor definir o Movimento Olímpico, o Olimpismo, a Educação Olímpica e os Jogos Olímpicos, principalmente no que diz respeito às diferenças desses termos, para que os professores possam, através de um melhor embasamento teórico, realizar outros apontamentos sobre o material.

À parte as questões instrumentais do material, alguns desafios de ordem metodológica aparecem a partir desse estudo. O primeiro aponta para a necessidade de se pensar, segundo considerações dos próprios professores, na adequação do material para os diferentes níveis de ensino, ainda pouco definido pelo Manual.

Outro desafio posto é na necessidade de se pensar na adequação do material para a sua aplicabilidade na Educação Infantil e nos primeiros segmentos do Ensino Fundamental, sendo este um dos principais apontamentos realizados pelos docentes. Assim também como na avaliação já citada do *Be a Champion in life*, existe uma dificuldade por parte dos alunos nesses níveis de ensino em compreenderem algumas das atividades presentes no Manual de Educação Olímpica apresentado aos professores.

Talvez por isso, há de se pensar em uma seleção de conteúdo para as atividades voltadas para os primeiros anos da educação básica levando em consideração dois princípios fundamentais: o desenvolvimento sociocognitivo dos alunos e a aproximação dos conteúdos com a realidade social dos mesmos, possibilitando talvez assim uma maior compreensão (GOMES, 2009).

Por fim, o estudo realizado mostra a necessidade de novas pesquisas que busquem analisar a apropriação do material no cotidiano escolar, ou seja, na aplicação prática das atividades por parte dos professores e na assimilação do mesmo pelos alunos, permitindo assim que novos apontamentos sobre o Manual de Educação Olímpica possam ser feitos com mais propriedade.

8 REFERÊNCIAS

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Ed., 1994. 336 p.

CAPINUSSÚ, J. M. **Jogos olímpicos: da criação e evolução aos dias atuais**/José Maurício Capinussú. – Niterói, RJ: IEG, 2007. 105 p.

DACOSTA, L. [et al]. **Manual de valores do esporte–SESI: fundamentos**. Brasília: SESI/DN, 2007, 195 p.

DARIDO, S. C. **Educação física na escola**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2003.

GOMES, M. C. Por uma Educação Olímpica em movimento: notas de pesquisa e avaliações, p. 171-184. In: REPPOLD, A. et al. **Olimpismo e educação olímpica no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, 270 p.

MIRAGAYA, A. Educação Olímpica: o legado de Coubertin no Brasil, p. 41–58. In: REPPOLD, A. et al. **Olímpismo e educação olímpica no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, 270 p.

OLIVEIRA, A. A. B.; PERIM, G. L. (Orgs.). **Fundamentos Pedagógicos para o Programa Segundo Tempo**. 1. ed. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá - EDUEM, 2008. v. 1. 295 p.

OLIVEIRA, A. A. B.; PERIM, Gianna Lepre (Orgs.). **Fundamentos Pedagógicos do Programa Segundo Tempo: da reflexão à prática**. 01. ed. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2009. v. 15000. 299 p.

QUEIRÓS, P. Para um novo enquadramento axiológico na participação de crianças e jovens no desporto, p. 187-198 In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. **Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004, 607 p.

SANMARTÍN, M. **Valores Sociales y Deporte: La Actividad Física y el Deporte como transmisores de valores sociales y personales**. Madrid: Gymnos. 1995.

TAVARES, O. Educação Olímpica para o Rio de Janeiro 2016: princípios, temas, estratégias, meios e elementos, p. 191-200. In: REPPOLD, A. et al. **Olímpismo e educação olímpica no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, 270 p.

TODT, N. S. Um país olímpico sem educação olímpica? In: **PRÊMIO BRASIL DE ESPORTE E LAZER DE INCLUSÃO SOCIAL**. 1. ed. Coletânea dos Premiados de 2008. Brasília: Ministério do Esporte, 2009. p. 370-380.